

a proletarização e consolidação das propriedades por parte dos minifundiários mais pobres.

O caso mexicano é tratado a partir dos contornos políticos que a questão agrária assume naquele país desde meados do século passado, passando pela Revolução de 1910 e a Reforma Agrária de 1930. Semelhante ao caso brasileiro, a penetração do capital no campo mexicano tem sido mediatizada em boa parte do Estado, neste caso através de ações dirigidas ao controle da organização camponesa, como no caso dos "ejidos", ou da atuação direta através de empresas agroindustriais. Pela coincidência com a situação nordestina, valeria destacar a conclusão que aponta os "ejidatarios" das zonas irrigadas como dependentes do capital financeiro e de assistência técnica continuamente para empregar mão-de-obra, principalmente de caráter sazonal; "estruturalmente, sua posição (dos "ejidatarios") não é muito diferente daquela assumida pelos proletários, já que nenhum dos dois possui os meios de produção, nem toma as decisões associadas com a administração da propriedade".

Em conclusão, o estudo propõe uma visão das várias trajetórias de transição agrária "em termos de reestruturação dos processos de trabalho na agricultura por diferentes formas de capital". E acrescenta: "Por trás de boa parte da retórica da política agrícola atual, no sentido de estender seus programas aos pequenos produtores, coloca-se uma contradição ainda por ser resolvida. Tais produtores estão participando, ainda que desigualmente, da capitalização da produção agrícola; esse processo intensificou a produção de 'commodities' e a especialização, ampliando dessa forma a vulnerabilidade dos produtores aos movimentos do capital, não só através da dominação do capital agroindustrial, mas também do aumento de sua exposição às forças de mercado. Os resultados concretos desse processo estão sendo observados em muitos países capitalistas periféricos. No lugar de uma transição agrária, com um resultado claramente distinguível, estamos diante de várias". (p. 217).

Henrique O. Monteiro de Barros
Pesquisador do Departamento de Economia
da Fundação Joaquim Nabuco

CASTORDIADIS, Cornelius. *A experiência do Movimento Operário.* São Paulo, Brasiliense, 1985. 260 p.

Não existe apenas um marxismo, e sim vários marxismos. Para muitos esta observação pode parecer óbvia, mas quando lembramos daqueles que querem fazer-nos crer que o marxismo é monolítico, ela se faz necessária.

As ciências sociais são ciências diferentes das ciências naturais e trazem em seu bojo várias correntes explicativas do fenômeno social. O marxismo, que está circunscrito ao campo das ciências sociais, traz também dentro de si várias correntes. A Revolução Russa significou e hegemonia de uma dessas correntes: aquela dada a ensinar autoritariamente o que os operários e camponeses deveriam fazer ou, às vezes, fazendo por eles.

Outras correntes seguiram seu caminho marginalizadas e ditas aliadas do imperialismo ou, ainda, tratadas como não marxistas, renegadas, revisionistas, etc. São o que poderíamos chamar de marxismo heterodoxo (para usar uma palavra que está na moda).

O socialismo real desencantou muitos intelectuais. Emergiram vozes discordantes, não mais vindas das fileiras dos "intelectuais a serviço do capitalismo", mas de dentro do próprio marxismo, fossem marxistas ou marxianos.

É dentro de uma dessas correntes heterodoxas e desencantadas com o socialismo real que podemos situar a obra de Castoriadis. Neste livro, uma coletânea de ensaios publicados esparsadamente, podemos notar claramente que ele se afina com uma corrente que vem desde Rosa de Luxemburgo e sua conhecida polémica com Lênin, embora nem a própria Rosa tenha ficado imune às suas críticas.

Um pensamento predominante entre militantes políticos de esquerda é que as reivindicações imediatas do operariado são de alcance muito restrito, já que procuram atender necessidades específicas. Ou seja, para se combater o "monstro do capitalismo" são necessárias ações capazes de questionarem o âmago do sistema. Castoriadis investe contra essa idéia atacando a miopia de seus defensores, incapazes de verem que uma reivindicação imediatista é também uma estocada que o sistema recebe em seu interior. Por exemplo, reivindicações por melhores condições de trabalho podem pôr a nu a opressão do sistema capitalista no ambiente de trabalho.

Outro ponto interessante é aquele em que Castoriadis investe contra a crença, muito difundida mas pouquíssimo analisada, de que o proletariado seria o redentor da humanidade. Ele tenta mostrar que Marx não se livrou totalmente de uma caída para o lado do idealismo, já que o proletariado, enquanto redentor, existiria a partir apenas da cabeça de Marx.

Um terceiro ponto interessante é o ataque que Castoriadis desenvolve contra o totalitarismo burocrático que domina o socialismo real. Por todo o livro perpassa uma rebeldia contra esse monstro que tolhe a liberdade dos cidadãos sob o socialismo. No socialismo realmente existente aconteceu aquilo que Weber mais temia: a massificação e o controle burocrático. O autor analisa este fenômeno como a ascensão de uma nova classe.

Quanto ao modelo alternativo de construção da história do movimento operário, é aí que sentimos o lado negativo do livro. Castoriadis faz toda uma crítica das histórias de tal movimento ao afirmar que essas tinham mais o sentido do que deveria ter sido ou ser essa história do que uma história real e efetiva. Ele afirma que, com poucas exceções, dentre elas a obra do historiador inglês E. P. Thompson "The Making of the English Working Class", esta história ainda está para ser desenvolvida. Como é um livro de ensaios, esperávamos que ele nos desse um pouco dessa nova história, mas, para nossa decepção, não é isso que acontece. Em nenhum dos ensaios ele se dá a este exercício.

Mesmo assim, é um livro recomendável na medida em que expressa as idéias de um pensador instigante e que nos desafia a questionarmos aqueles que nos querem fazer crer num marxismo que seria “propriedade privada” de alguns iluminados oniscientes.

Jorge Ventura de Morais
Mestrando em Sociologia
da Universidade Federal de Pernambuco

ROTTER, Frank. *Musik als kommunikationsmedium, Soziologische Medientheorien und Musiksoziologie.* Berlin - München, Duncker & Humblot, 1985, 145 pages. DM 48.

This book is divided into two main parts. The first concerns the sociological theory of media and the social psychology of music. The second part covers the comprehension of music in the theory of media and music as communication.

Rotter's personal experience regarding music includes not only theoretical activity but also collaboration with an experiment organized by Rudolf Heinz in Wuppertal in 1976 on the psychoanalytic musical interpretation in the group (p. 6). Furthermore, Rotter's theoretical approach remains open to recent empirical research done by others (for instance, pp. 69-70).

In the first part of the work, the functional-theoretical sociological approaches of Parsons, Baum and Luhmann are critically discussed – including, in connection with Parsons, the problem of “music as merchandise” and, in connection with Luhmann, the problem of “money and art”. Rotter's essay tries to correct the social-functional theories of media which favors unilaterally, according to him, media as money and power/law, with only a marginal reference to music. To the social-functional criteria he adds personal-functional ones, which concern communication media and music specifically treated as a communication medium (pp. 5, 6, 9).

Rotter studies music as expressive symbolization, as social-psychological concretizations, as acoustic fetish, music and schizophrenia. He also advances (pp. 69-76) the preliminary answers to the relevant problems of his book.

For example, according to Rotter, music guarantees a plus in experience possibilities by combining regressively the status of small child and the status of adult and corresponds, as an acoustic fetish, to a basic necessity which is disconnected from the mother but remains related primarily and symbiotically to her – in a simulated near-to-the-mother auditive world. Music combines impersonality and feeling of proximity and “regulates” fear (pp. 70 and 71).

Rotter stresses the mother-child dyad, which is experienced by the child initially in a not differentiated way as an “I-world” unity (pp. 124-125). The reactively simulated near-to-the-mother auditive world appears not only as a pattern of regression, but also as a pattern of integration (p. 125). In relation to the extended necessity of music in our society, one might suppose that music, as